

Á CONVERSA COM LUÍS ALVES

Luís Alves de 33 anos, estudou realização no curso de Cinema da Universidade Lusófona. Na faculdade realizou algumas curtas “O Aquário e “Star Kids”

Sofia: De onde vem está paixão pelo cinema, realização?

Luís: É uma paixão que me tem acompanhado desde sempre. Começou nas sessões infantis a que assistia em criança, evoluiu com os filmes de acção e ficção científica dos anos 80, e explodiu com a descoberta de nomes como Martin Scorsese, Francis Coppola ou Michael Cimino. Tudo isso contribuiu para o meu percurso, mais ou menos lógico, até enveredar pelo curso de Cinema.

S: Na faculdade realizaste várias curtas? Explica como funciona, o equipamento é fornecido pela faculdade, que gastos têm ao fazer as curtas? Podes explicar para que os nossos leitores possam ficar a saber.

L: Na Lusófona tinha-mos acesso a uma quantidade e variedade de equipamento bastante razoável. Sendo que o material era todo da faculdade, nós alunos, apenas tínhamos de nos preocupar com os consumíveis, despesas de produção, refeições, gasolinhas e telefones, o que mesmo assim já era um rombo considerável nos nossos modestíssimos orçamentos “no-budget”.

S: As curtas que realizaste na faculdade passaram na RTP2, como conseguiste dar esse passo?

L: O mérito é todo da Lusófona, que conseguiu assegurar um espaço semanal, O Caleidoscópio, na Rtp 2. Aí passavam os trabalhos que os docentes consideravam merecedores de exibição pública. Foi uma excelente forma de abrir a faculdade para o exterior.

S: Agora fala-me do filme “A Cova”. Como surgiu a ideia para a história?

L: O género policial foi sempre um dos que mais me atraiu. Em particular as histórias de gangsters, a isso posso agradecer ao Sr. Scorsese. No início pensei em dois personagens antagónicos que tinham de resolver uma tarefa muito desagradável. Entretanto a ideia foi evoluindo e assumindo variantes, até chegar ao guião final. A versão filmada, foi a 8ª versão desse guião.

S: Quanto tempo demora a fazer as filmagens?

L: Depende de vários factores. Neste caso foram dois Sábados. Mas o fundamental para ter uma rodagem eficiente é preparar um trabalho de pré-produção e planificação exaustivos. No caso de A Cova posso te dizer que a pré-produção durou 4 meses.

S: Este filme já foi mostrado em festivais. Conta-nos como conseguiste este mérito. Porque em vários festivais que foste a tua curta foi considerada a melhor curta-metragem no SHORTCUTZ de Lisboa de Abril de 2010 e recebeu o 2º prémio do FARCUME:

L: Isso o júri é que lá saberá! Eu não acredito em fazer filmes para prémios. Acredito, isso sim, em fazer cinema que eu enquanto espectador, e fervoroso cinéfilo, gostaria de ver no ecrã. Cinema que entretenha, mas com inteligência, intensidade e emoção. Esses foram, e são, os critérios que me guiaram. Os prémios são muito agradáveis e importantes porque dão relevo ao trabalho e torna-o mais visível, mas não é isso que me orienta na concepção e execução de um filme.

S: E financiamentos. Existe algum tipo de financiamento para quem está a começar a sua carreira de realizador?

L: Em teoria há, ou havia (?), fundos do ICA para o apoio às curtas-metragens. Mas trata-se de um processo demorado e que segue critérios um pouco vagos. Sempre tive uma ideia desses fundos, como algo inacessível

para o tipo de curtas que tenho em mente fazer. Portanto enveredei por este caminho independente e sem apoios. Algo apenas possível, com a enorme generosidade e entrega da equipa técnica e do elenco. A baixa de custos que o cinema digital trouxe, também é um factor fulcral para a exequibilidade deste tipo de cinema.

S: Conta-nos então como conseguiste fazer este trabalho sem ter financiamento, como conseguiste os actores, tudo que é necessário para poderes realizar esta curta.

L: Eu sou um grande crente na mais valia de um bom guião. E basicamente foi por ele que passou tudo. Eu já conhecia o Ivo Canelas dos tempos da faculdade, onde tínhamos participado num pequeno projecto académico. Para A Cova, desafiei-o para voltar-mos a trabalhar, com esta terrível condicionante que é não ter dinheiro para nada, e ele teve a generosidade de acreditar no guião final e no filme que daí poderia nascer. A partir daí, foi uma questão de falar com o Afonso Pimentel e com o Augusto Portela para completarem o elenco. Todos eles foram primeiras escolhas e todos eles foram excepcionais!

S: E agora perspectivas para o futuro? Estas a trabalhar em algum filme?

L: Estou prestes a rodar a próxima curta em Janeiro, que será também produzida em moldes independentes, apesar de mais ambiciosa. De seguida tenho uma longa-metragem escrita, uma história real de um gang de criminosos no Portugal dos anos 80, que pretendo submeter ao ICA em 2012, caso haja fundos estatais para isso. Entretanto e depois de finalizar a curta de Janeiro, pretendo escrever outra longa.

S: E quando é que podemos ter o prazer de ver o teu trabalho na televisão ou cinema?

L: O percurso das curtas é em regra geral o mesmo: correr os festivais de cinema! Com A Cova, graças ao prémio do Shortcutz Lisboa, tivemos a felicidade que ela passasse na Sic Radical. Mas a regra é: se queres ver boas curtas, tens de ir a um festival, ou então procurar as (de qualidade) que circulam na net. Acho que seria interessante, para quebrar este percurso, que as distribuidoras de cinema pensassem em começar apostar no cinema nacional. Uma boa ideia seria passar uma curta portuguesa de qualidade, antes das longas-metragens americanas, que enchem os multiplexes. Palpita-me que aquele público, que tem uma má imagem do cinema português, iria ficar positivamente surpreendido.

S: Obrigada Luís por está entrevista, desejo-te as maiores felicidades e que chegues longe.

L: Obrigada eu pela oportunidade.